

A passiva: uma estrutura de aquisição tardia

Antónia Estrela

CLUNL / CLUL / ESE-IPL

Abstract

This study aims at the description of the passive acquisition in European Portuguese. Many studies show that this construction is acquired late in different languages. Our data show the same. In this paper we contribute to the study of the acquisition of passives with the results of two experiments run with European Portuguese speaking children. In Portuguese, only at the age of four, children can interpret syntactic passive sentences with actional verbs. The acquisition of non-actional verbs happens later.

Keywords: acquisition, passive construction, actional verbs, non-actional verbs, maturation, by-phrase.

Palavras-chave: aquisição, construção passiva, verbos agentivos, verbos não agentivos, maturação, agente da passiva.

1. Introdução

No campo da aquisição da linguagem, a construção passiva continua a ser alvo de grande interesse, dado que não há consenso em relação aos fatores que poderão estar na origem do atraso que aparentemente se verifica em várias línguas (Armon-Lotem *et al.*, no prelo). Por este motivo, parece-nos que se justifica o estudo da aquisição da passiva sintática em Português Europeu (PE). É precisamente a aquisição desta estrutura que constitui o foco do presente trabalho, que está organizado como a seguir se descreve. No ponto 2, apresentamos, de forma não exaustiva, uma descrição da passiva sintática e expomos vários estudos relativos à sua aquisição. Posteriormente, damos a conhecer os dois estudos experimentais que levámos a cabo com o intuito de aferir eventuais

dificuldades na interpretação da passiva por crianças de 3, 4 e 5 anos. No ponto 4, apresentamos os resultados apurados, e discutimo-los; finalizamos com algumas notas, defendendo a pertinência de novos estudos sobre a estrutura passiva.

2. A construção passiva

Estando identificados vários tipos de estruturas passivas na literatura, aquela que será alvo da nossa pesquisa é apenas a passiva sintática. Para se estudar devidamente esta estrutura, é importante compará-la com a sua correspondente ativa¹. Tenhamos então em consideração os seguintes exemplos:

(1) A Sara leu o livro.

(2) O livro foi lido pela Sara.

A frase (2) é a versão passiva da frase apresentada em (1). Semanticamente, as duas frases são, no essencial, equivalentes, uma vez que exprimem a mesma predicação básica, havendo uma relação entre os elementos designados pelas expressões *Sara* e *livro*, assim como os mesmos valores de Tempo, Aspeto, Modo e Polaridade. Os predicadores das duas frases são formas derivadas do mesmo verbo *ler*. A expressão que assume o papel de objeto direto na ativa realiza-se como sujeito da passiva. A expressão que assume o papel de sujeito na ativa realiza-se como complemento agente da passiva na correspondente passiva. O movimento do objeto para a posição de sujeito é um exemplo de movimento-A, uma vez que o elemento movido se move para uma posição argumental. Borer & Wexler (1987) argumentam que este tipo de movimento não está disponível para as crianças, e, como tal, quando se deparam com estas estruturas passivas, vão interpretá-las como se não tivesse ocorrido movimento, ou seja, como ativas. A morfologia passiva e o agente da passiva serão, portanto, ignorados.

As funções semânticas são mantidas nas estruturas (1) e (2): *Sara* tem o papel temático de Agente, tendo *o livro* o de Tema. Como veremos adiante, Fox & Grodzinsky (1998) propõem que a diferença fundamental entre o desempenho de crianças e adultos relativamente à passiva se prende especificamente com a habilidade para transmitir o papel temático externo ao agente da passiva. Essa tarefa será ainda mais árdua se o predicado em questão contiver um verbo não agentivo.

A possibilidade de haver a correspondente passiva de uma frase ativa depende do verbo utilizado, pois nem todos são compatíveis com esta estrutura. Assim, para haver uma passiva, para além das restrições aspetuais que estão implicadas, o verbo em questão tem de ser transitivo, isto é, um verbo com um argumento interno com a função

¹ É importante notar que a passiva não deriva da frase ativa, tal como já defendido por diversos autores. Esta perspetiva difere da de Chomsky (1965), que defende a existência de uma estrutura abstrata profunda que sofrerá uma primeira operação formal que a transformará numa construção ativa e uma segunda operação formal transformará essa mesma estrutura abstrata numa construção passiva.

sintática de complemento direto. São, portanto, excluídas, entre outras, passivas formadas com formas participiais de verbos inergativos, ou seja, verbos que selecionam um argumento externo com a função gramatical de sujeito (3), de verbos inacusativos, ou seja, verbos que selecionam um argumento interno que ocorre com a função gramatical de sujeito (4) e de verbos transitivos que selecionam argumentos internos preposicionais (5) (Mateus *et al.*, 2003):

- (3)*O João foi trabalhado.
- (4)*O João foi desmaiado.
- (5)*O trabalho foi interferido.

2.1. A aquisição da passiva sintática

Relativamente à aquisição da passiva sintática, a pesquisa nesta área revela que a complexidade inerente a esta construção pode tornar mais árdua não só a sua produção, como também a sua compreensão². Para o PE, Sim-Sim (1997) apresenta dados que mostram que as crianças de seis anos ainda manifestam dificuldades na compreensão de passivas reversíveis. Atente-se nos seguintes exemplos, em que (6) e (7) correspondem a passivas reversíveis, enquanto (8) é uma passiva não reversível, como mostra a agramaticalidade do exemplo (9):

- (6) A mãe foi penteada pela menina.
- (7) A menina foi penteada pela mãe.
- (8) O livro foi lido pelos meninos.
- (9) *Os meninos foram lidos pelo livro.

O estudo de Sim-Sim (1997) faz a distinção entre a compreensão de passivas reversíveis e de não reversíveis. No que respeita ao primeiro tipo, só a partir dos 9 anos é que as crianças têm um desempenho ao nível do adulto, com uma taxa de acerto de 77%. Já as passivas não reversíveis são compreendidas aos 4 anos, com 94% de correção. Como veremos adiante, as passivas não reversíveis não foram objeto de análise no nosso estudo. Apenas as passivas reversíveis foram estudadas. Obtivemos resultados diferentes dos de Sim-Sim (1997). Fatores metodológicos poderão talvez explicar tais diferenças.

² Correia (2003) demonstra que, em português europeu, enunciados de matemática com exercícios formulados na passiva originam problemas na compreensão e na posterior resolução dos exercícios. Ainda para o português do Brasil, Gabriel (2001) conclui que o padrão de desenvolvimento das passivas é determinado pelo uso específico e frequência numa dada língua – ou seja, pelas propriedades do *input*.

Sendo muito rara a bibliografia sobre aquisição de construções passivas em PE, é muito ampla no que diz respeito a outras línguas. Destacam-se alguns estudos para as seguintes línguas: inglês (Maratsos *et al.*, 1985; Borer & Wexler, 1987; Fox & Grodzinsky, 1998); mandarim (Chang, 1986); espanhol (Pierce, 1992), japonês (Sugisaki, 1999), português do Brasil (Gabriel, 2001; Rubin, 2009); alemão (Bartke, 2004), sérvio (Djurkovic, 2005); grego (Terzi & Wexler, 2002).

Maratsos *et al.* (1985) desenvolvem um estudo que visa testar a compreensão de passivas com verbos agentivos (ex. *morder*) e passivas com verbos não agentivos (ex. *ver*). Como em muitos outros estudos, os resultados obtidos apontam para uma melhor compreensão de verbos agentivos do que de verbos não agentivos por parte das crianças. No entanto, as mesmas crianças compreendem as ativas com os dois tipos de verbos de igual modo, o que revela, segundo os autores, que o problema é específico das passivas e não de dificuldades de processamento aliadas aos verbos não agentivos. Como veremos na secção 3.2, os nossos dados divergem dos que são apresentados por Maratsos *et al.* (1985), uma vez que, até nas frases ativas, quando os verbos são não agentivos, as crianças apresentam níveis de desempenho inferiores.

Por seu turno, Gordon & Chafetz (1990) explicam as diferenças entre a interpretação de passivas com verbos agentivos e com verbos não agentivos, tendo por base uma perspectiva centrada, por um lado, no verbo, e, por outro, na classe verbal. Consideram que a generalização se torna mais acessível para a criança a partir do momento em que exista um verbo semanticamente relacionado no léxico que serve como modelo para outros verbos do mesmo tipo. A preferência dos autores recai, portanto, sobre uma abordagem centrada no verbo.

Para os autores, as crianças ouvem mais verbos agentivos do que não agentivos na voz passiva, precisamente pelo facto de aqueles serem mais frequentes. Como tal, não é a natureza semântica das classes verbais que restringe a aquisição, mas a robustez do *input*. Sugerem que o facto de os adultos não passivizarem verbos não agentivos pode ser explicado pela não afetação do objeto lógico, pelo que não há razão para destacar aquele argumento passivizando o verbo. O facto de os verbos agentivos serem mais frequentes em frases passivas no *input* justifica-se porque os Pacientes desses verbos são geralmente afetados pela ação, ocupando, por isso, uma posição destacada.

Na mesma linha, Pinker, Lebeaux e Frost (1987) defendem que há uma maior probabilidade de as crianças recorrerem à passiva com cenas prototipicamente transitivas do que com cenas de transitividade reduzida. Assim, mais facilmente encontraremos uma passiva com verbos que exibem um objeto Paciente, tendo as crianças de aprender quais os verbos não agentivos que podem ser passivizados, baseando-se em classes de verbos criadas a partir de evidência positiva.

Dois estudos que se distinguiram pelo impacto que obtiveram foram os de Borer & Wexler (1987)³ e Fox & Grodzinsky (1998). Os primeiros autores defendem a Hipótese da Maturação, que prevê que a disponibilização de certas estruturas está sujeita a maturação. A partir do modelo de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981), Borer & Wexler propuseram que o princípio que governa o movimento do objeto para uma posição de sujeito apenas matura aos 5 anos. Assim, a A-chain Deficit Hypothesis (ACDH) prediz uma aquisição tardia das passivas verbais. A passiva adjetival não requer movimento-A e, como tal, não é afetada pela ACDH. Tal significaria que a passiva adjetival poderia ser livremente usada pelas crianças. As passivas não agentivas, dada a sua semântica, são incompatíveis com uma leitura adjetival. Desta forma, a falha na compreensão deve-se à incapacidade para criar cadeias argumentais e para atribuir o papel temático não localmente ao NP sujeito, através de uma cadeia-A. O sucesso na compreensão é justificado por uma interpretação alternativa que não implica cadeias-A, ou seja, a passiva é interpretada como adjetival.

A ACDH é uma teoria que trata uma característica importante da passiva: o movimento do objeto. Outra característica importante é o sujeito opcional que ocorre na *by-phrase*. Fox & Grodzinsky (1998) preferem colocar a ênfase na transmissão temática, sendo a falha na atribuição do papel temático externo à *by-phrase* a causa das dificuldades com que as crianças se confrontam. Segundo os autores, em predicados com verbos agentivos, a preposição atribui um *affector role* (agente, possuidor, etc.) que é facilmente interpretado pelas crianças. No entanto, em predicados com verbos não agentivos, o *affector role* não é compatível com o papel temático atribuído pelo predicado e é este conflito de papéis temáticos que causa as dificuldades com as passivas construídas especificamente com estes verbos. Assim, tendo em conta os dados dos autores para o inglês, as crianças compreendem passivas-*get*, passivas-*be* com verbos reversíveis e passivas-*be* curtas. Controlam todos os aspetos implicados na passiva, exceto a transmissão do papel temático externo do VP à *by-phrase*.

Como vimos, são muitos os autores que descrevem dificuldades na aquisição da passiva e tentam adiantar explicações para tais atrasos. No sentido oposto, Crain, Thornton & Murasugi (1987) afirmam que, aos três anos, crianças falantes de inglês não

³ Este trabalho de Borer & Wexler foi particularmente importante, uma vez que direcionou a Hipótese da Maturação para o campo da pesquisa em aquisição numa perspectiva generativista. Apesar de consistentemente formulado, o trabalho dos autores descobre-se problemático, tendo sido a análise proposta muitas vezes alvo de objeções e/ou reformulações. Neste sentido, Babyonyshev *et al.* (2001) retomam a perspectiva da maturação, propondo a External Argument Requirement Hypothesis (EARH), enquanto Wexler (2004), retomando a noção de Fase (Chomsky 1995), apresenta a Universal Phase Requirement (UPH).

têm problemas com a compreensão de passivas, e atribuem a fatores não linguísticos como o processamento e o *input* a origem do atraso que se verifica em algumas línguas.

Na verdade, vários estudos mostram que o atraso não é transversal a todas as línguas, pondo em causa a universalidade desse atraso reclamada por alguns. Um exemplo é o de Demuth (1989), que aponta a ausência de dificuldades na aquisição de passivas em sesotho, uma língua do grupo bantu, e justifica o facto com a alta frequência de passivas no *input*, por um lado, e com morfologia única desta construção nesta língua, por outro.

Também Allen & Grago (1996) reportam o uso produtivo de passivas a partir dos 2 anos em inuktitut, uma língua falada no norte do Canadá. A justificação disponibilizada prende-se com fatores específicos da língua, quer estruturais, quer funcionais.

No estudo que levou a cabo para o português do Brasil, Rubin (2009) conclui que as crianças compreendem passivas reversíveis e não reversíveis curtas e longas⁴, com verbos agentivos, não compreendendo passivas com verbos não agentivos aos 4 anos e 11 meses. Se uma análise aos resultados globais aponta para um atraso, os resultados individuais sugerem que para algumas crianças a interpretação da passiva (especialmente da passiva curta) não constitui qualquer problema. Pelos motivos apresentados, a autora considera que falar num atraso universal na aquisição da passiva é muito redutor.

Armon Lotem *et al.* (no prelo), a partir do estudo sobre passivas inserido no Projeto Europeu COST ACTION A33, depois de estudadas 11 línguas no que à aquisição da estrutura em causa diz respeito, concluíram que, na maior parte das línguas, a passiva longa é mais difícil do que a passiva curta e que existe uma certa preferência pela ordem canónica de palavras como estratégia quando as crianças não conseguem interpretar a passiva. Para além disso, verificaram que as dificuldades com passivas curtas não se devem às propriedades da *by-phrase* nem à frequência no *input*, sendo acima de tudo importante a exposição a construções semelhantes morfológica e sintaticamente. Adiantam que a variabilidade na ordem de palavras e a experiência com o mapeamento entre redução argumental e morfologia passiva na passiva impessoal, adjetivos resultativos e inacusativos nas várias línguas podem ajudar a compreender o sucesso das crianças na interpretação da passiva curta.

Resumindo, ao longo dos últimos parágrafos, pudemos distinguir abordagens mais centradas na sintaxe (Borer & Wexler, 1987), outras, na semântica (Fox & Grodzinsky, 1998; Maratsos *et al.*, 1985) e ainda as que se centram mais no léxico (Gordon & Chafetz, 1990). Do ponto de vista sintático, seria a cadeia argumental que justificaria a aquisição tardia; do ponto de vista semântico, a atribuição dos papéis temáticos

⁴ Passivas curtas (*short passives*) são aquelas em que o agente da passiva não é expreso: *A menina foi penteada*. Passivas longas (*long passives*) são aquelas que têm o agente da passiva expreso: *A menina foi penteada pela mãe*.

explicaria o atraso; e, finalmente, do ponto de vista lexical, o atraso justificar-se-ia com base nas especificidades de cada verbo e do próprio *input*.

Se, por um lado, encontramos autores que desenvolveram as suas abordagens apontando para a universalidade dos atrasos verificados, por outro, surgem os que mostram a relevância da variabilidade interlinguística na aquisição desta estrutura, destacando o papel do *input*. Na verdade, o que notamos é a persistência de resultados dissemelhantes em várias línguas, o que torna mais árdua a tarefa de atribuir uma explicação à aquisição aparentemente tardia da estrutura passiva. Até ao nível de uma mesma língua, nota-se algumas divergências em termos de resultados, o que é justificado, por exemplo, através de questões metodológicas.

No nosso entender, é justamente essa visível disparidade de resultados que legitima a necessidade de estudos mais abrangentes nesta área específica. Pensamos que a análise dos dados do PE levanta também questões interessantes nesta matéria. É o que veremos na secção seguinte.

3. A aquisição de passivas sintáticas em PE

Relativamente ao PE, pretendemos verificar se existe uma aquisição tardia da estrutura passiva e, em caso positivo, tentar identificar os fatores que justificam esse atraso. É nosso objetivo investigar a compreensão de passivas longas e de passivas curtas, ao mesmo tempo que testamos se o tipo de verbo implicado será pertinente para a interpretação da passiva, nomeadamente verbos agentivos e verbos não agentivos. O intuito é avaliar a adequação das duas teorias, já anteriormente descritas, que tentam explicar o desenvolvimento tardio da construção passiva na gramática da criança.

Tendo em conta os desenvolvimentos teóricos apresentados na secção anterior, convém agora expor as duas hipóteses de trabalho que presidem ao nosso estudo, tornando claras as assunções subjacentes a cada uma delas.

Hipótese 1: A compreensão de passivas longas acarreta maiores dificuldades do que a compreensão de passivas curtas.

O estabelecimento desta hipótese está diretamente relacionado com a ideia defendida em Borer & Wexler (1987) de que a passiva curta será mais fácil para as crianças, numa fase inicial, porque será interpretada como passiva adjetival, não implicando, portanto, a existência de uma cadeia argumental.

Hipótese 2: A compreensão de passivas com verbos não agentivos acarreta maiores dificuldades do que a compreensão de passivas com verbos agentivos.

A formulação desta hipótese, na esteira de Fox & Grodzinsky (1998), justifica-se no sentido em que a atribuição do papel temático é feita diretamente pela preposição, com verbos agentivos, o que seria facilmente interpretável pelas crianças. Com verbos não agentivos, haverá um conflito de papéis temáticos que originará complicações na interpretação de passivas longas.

3.1. Estudo experimental

O estudo experimental levado a cabo divide-se em duas partes. Na primeira parte, testámos a compreensão de passivas com verbos agentivos, enquanto na segunda foram testadas frases passivas com verbos não agentivos.

3.1.1. Passivas com verbos agentivos

No primeiro estudo experimental, participaram 72 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo a média de idades dentro de cada grupo 3;7, 4;7 e 5;6, respetivamente. O grupo de controlo foi constituído por 24 adultos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 22, sendo a média de idades de 19;6. As crianças foram selecionadas tendo em conta a sua idade e a língua materna. Todas tinham o português como língua materna, eram monolingues e não estavam diagnosticadas com qualquer patologia que pudesse perturbar o seu desempenho no teste.

Foi testada a compreensão de frases passivas longas, de frases passivas curtas, bem como das frases ativas correspondentes, através de um Teste de Seleção de Imagem. Apenas foram utilizados verbos agentivos. Os verbos testados foram escolhidos tendo em conta o teste feito para o inglês, no âmbito do projeto COST ACTION A33⁵. Para além disso, diversas questões, cuja pertinência é conhecida na área da aquisição de construções passivas, foram consideradas, incluindo a reversibilidade⁶ do verbo, a agentividade, a ausência ou presença do agente da passiva e o conhecimento do mundo.

Os verbos testados foram: *empurrar, examinar, beijar, alimentar, lavar, perseguir, coçar, pentear, desenhar, sujar, acariciar, abraçar, secar, tapar, carregar, puxar, barbear, fotografar, pintar, divertir, magoar, morder*. No total, foram testados 22 verbos, havendo 22 frases ativas, 22 frases passivas longas e 22 frases passivas curtas.

⁵ A experiência que levámos a cabo foi inicialmente desenvolvida pelo projeto COST ACTION A33, Crosslinguistically Robust Stages of Children's Linguistic Performance, que concebeu um estudo comparativo da aquisição de várias estruturas linguísticas por crianças de 5 anos, de diversos países europeus. Adaptámos a experiência, originalmente concebida em inglês, para o português e alargámos a faixa etária, tendo participado crianças dos 3 aos 5 anos.

⁶ Os argumentos apresentados partilham os mesmos traços semânticos, nomeadamente o traço [+animado], apresentando também a mesma especificação no que ao traço [+humano] diz respeito.

3.1.2 Passivas com verbos não agentivos

Com a segunda experiência, visou-se testar a compreensão de passivas curtas e longas, com verbos agentivos e não agentivos. O Teste de Valor de Verdade foi aplicado a 75 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo a média de idades dentro de cada grupo 3;7, 4;5 e 5;6, respetivamente. O grupo de controlo foi o mesmo que participou na experiência 1.

Foram testadas 42 frases, das quais 7 eram passivas curtas com verbos não agentivos, 7 passivas longas com verbos não agentivos, 7 passivas curtas com verbos agentivos, 7 passivas longas com verbos agentivos e 7 ativas com verbos não agentivos e 7 ativas com verbos agentivos.

Os verbos agentivos utilizados nesta experiência foram: *empurrar, lavar, pentear, abraçar, pintar, tapar, fotografar*; e os não agentivos: *avistar, odiar, ver, adorar, ouvir, detestar, amar*. Mais uma vez, foram tidos em conta aspetos importantes como a reversibilidade semântica dos argumentos, a plausibilidade de fazerem parte do conhecimento que as crianças têm sobre o mundo⁷ e a possibilidade de representação através de imagens.

Na seleção dos verbos não agentivos, elegemos como critério único o facto de o sujeito da frase ativa não receber o papel temático de Agente, no contexto relevante, pelo que será fácil identificar outros aspetos que diferenciam os verbos selecionados entre si.

3.2. Os resultados

Relativamente aos resultados⁸ obtidos a partir do primeiro estudo experimental, confirma-se que a interpretação da frase ativa não levanta dificuldades, sendo, no entanto, apenas aos 4 anos que a criança interpreta a passiva ao nível do adulto:⁹

⁷ Tal como apontado por um revisor anónimo, teria sido importante ter verificado o conhecimento das crianças face aos verbos testados, através da aplicação de um teste prévio de conhecimento lexical.

⁸ Na análise levada a cabo, foram utilizados testes não paramétricos para avaliar a significância das diferenças entre as condições em estudo, uma vez que o número de indivíduos em cada grupo analisado é inferior a 30. Ao realizar-se este tipo de testes, está ser a avaliada a diferença entre as frequências de respostas certas de cada indivíduo e a mediana das frequências de respostas certas de todos os indivíduos. Por essa razão, o parâmetro explorado foi a mediana e não a média.

Assim, para todas as comparações entre grupos, foi aplicado o Teste Mann-Whitney. Quando a comparação é realizada dentro de um mesmo grupo, entre várias condições, foi utilizado o Teste de Wilcoxon para amostras emparelhadas (considerando o facto de ser a mesma criança a responder às diferentes condições, o resultado dos testes não é independente).

Assumindo um nível de significância de 5%, considerou-se que a diferença entre as proporções é estatisticamente significativa quando o *p-value* é < 0.05.

⁹ Defende-se que a partir dos 75% a criança tem um desempenho ao nível do adulto. Tal como se esperava, o grupo de controlo respondeu corretamente à totalidade das questões, atingindo, portanto, um nível de desempenho de 100% em ambas as experiências.

	Ativa	Passiva	P-value
3 anos	0.86	0.64	<0.0001
4 anos	0.91	0.77	0.0001
5 anos	0.93	0.90	0.0662

Tabela 1. Resultados obtidos na interpretação das frases ativas e das frases passivas com verbos agentivos.

A tabela acima mostra ainda que a diferença entre a interpretação da frase ativa e da passiva é estatisticamente significativa aos 3 e 4 anos, deixando de o ser apenas aos 5, tal como revelam os *p-values*. Vemos, portanto, que a interpretação quer da ativa quer da passiva evolui de acordo com a progressão etária.

No que diz respeito aos resultados obtidos na interpretação das frases passivas longas e curtas, constatamos que a diferença não é significativa em qualquer uma das faixas etárias. Neste sentido, podemos afirmar que as crianças têm o mesmo nível de desempenho perante as passivas curtas e as passivas longas, com verbos agentivos. É o que mostram os dados abaixo:

	Passiva curta	Passiva longa	P-value
3 anos	0.636	0.545	0.0761
4 anos	0.773	0.818	0.5894
5 anos	0.909	0.955	0.1944

Tabela 2. Resultados obtidos na interpretação das frases passivas longas e curtas com verbos agentivos.

Passando para os dados obtidos a partir do segundo estudo experimental, como podemos ver na tabela 3, os dados mostram que, aos 3 anos, as crianças respondem ao nível do acaso¹⁰, sendo a partir dos 4 que atingem o nível de resposta considerado de um adulto, 79%. Já em relação à passiva não agentiva, em nenhuma das três faixas etárias foi atingido o desempenho dos adultos: aos 5 anos, as crianças ainda mostram uma taxa de 64% de acerto, portanto, abaixo dos 75% considerados ao nível do adulto. A diferença entre a interpretação da passiva agentiva e da passiva não agentiva é estatisticamente relevante a partir dos 4 anos ($p=0.00014$).

¹⁰ Os resultados do segundo estudo experimental corroboram os dados obtidos a partir do primeiro.

Faixa etária	Passiva Agentiva	Passiva não Agentiva	P-value
3 anos	50%	50%	0.909
4 anos	79%	50%	0.00014
5 anos	93%	64%	<0.001

Tabela 3. Resultados na interpretação das frases passivas agentivas e não agentivas.

Foi também feita uma análise que visava comparar o desempenho na compreensão de passivas agentivas e não agentivas curtas e passivas agentivas e não agentivas longas. Os resultados apontam no mesmo sentido da interpretação de passivas agentivas e não agentivas no geral, como se pode ver abaixo.

Faixa etária	Passiva Agentiva Curta	Passiva não Agentiva curta	P-value	Passiva Agentiva Longa	Passiva não Agentiva Longa	P-value
3 anos	43%	57%	0.961	43%	43%	0.8075
4 anos	86%	57%	<0.0001	86%	43%	0.0003037
5 anos	100%	71%	<0.0001	100%	57%	<0.0001

Tabela 4. Resultados na interpretação das frases passivas agentivas e não agentivas curtas e longas.

A tabela 4 mostra que aos 3 anos as crianças interpretam ao nível do acaso as passivas agentivas curtas e longas, atingindo aos 4 anos resultados muito melhores: 86%. No que concerne à passiva não agentiva curta e longa, em nenhuma das faixas etárias em análise são atingidos resultados superiores a 71%. Quando falamos em passivas agentivas, as crianças têm um desempenho idêntico quer sejam curtas ou longas¹¹. No entanto, ao analisar a interpretação das passivas não agentivas, notamos que o desempenho das crianças é superior quando o agente da passiva não está expresso. A diferença não é, contudo, significativa.

¹¹ Tal como na experiência 1 em que foram testados apenas verbos agentivos.

Da interpretação da tabela 5, podemos depreender que também a compreensão das frases ativas é mais difícil quando estas são construídas com verbos não agentivos, ao contrário dos dados apresentados por Maratsos *et al.* (1985). Neste sentido, a questão da agentividade parece assumir mais relevância do que aquela que lhe tem sido atribuída, sendo fundamental continuar a estudar o papel da agentividade na aquisição da estrutura passiva e de outras estruturas.

	Ativa Agentiva	Ativa não Agentiva	P-value
3 anos	100%	71%	0.002508
4 anos	100%	71%	<0.0001
5 anos	100%	86%	0.00012

Tabela 5. Resultados obtidos na interpretação das frases ativas agentivas e não agentivas.

Resumindo, tal como descrito para outras línguas, o nosso estudo mostra que há um atraso na aquisição de passivas em PE quando comparadas com as frases ativas. Assumindo que um desempenho ao nível de 75% de respostas certas é equivalente ao desempenho de um adulto (tal como comumente aceite), apenas a partir dos 4, as crianças já revelam ter a passiva (com verbos agentivos) estabilizada, apresentando 77% de respostas corretas.

4. Discussão dos dados e conclusões

Apresentados os dados, importa agora discuti-los tendo em conta as duas hipóteses formuladas na secção 3 deste trabalho. A hipótese 1 previa que a compreensão de passivas longas acarretaria maiores dificuldades do que a compreensão de passivas curtas. Como constatámos anteriormente, esta hipótese foi formulada a partir do trabalho de Borer & Wexler (1987), que defendia que as passivas curtas seriam mais fáceis de compreender uma vez que seriam interpretadas como adjetivais. Para os autores, a passiva adjetival não requer movimento-A e, como tal, não é afetada pela ACDH. As passivas não agentivas, dada a sua semântica, são incompatíveis com uma leitura adjetival, ao contrário das agentivas. Quando a criança é confrontada com uma passiva agentiva, não consegue formar uma cadeia-A e, possivelmente, não compreenderá a frase. No entanto, poderá atribuir uma interpretação adjetival à frase e conseguir interpretá-la. Com passivas não agentivas, o processo não será o mesmo, pelo

que a criança interpretará a frase de acordo com a sua gramática, ou seja, interpretará uma passiva não agentiva como uma ativa não agentiva.

Tendo em conta os dados das experiências 1 e 2, refutamos a primeira hipótese formulada. No entanto, lembrando os dados relativos aos verbos não agentivos (Tabela 4), nota-se um melhor desempenho quando o agente da passiva está ausente, ainda que não significativo.

Relembrando agora a segunda hipótese de trabalho, que previa que a compreensão de passivas com verbos não agentivos representaria maiores dificuldades do que a compreensão de passivas com verbos agentivos, tal como proposto por Fox & Grodzinsky (1998), o nosso estudo mostra que, de facto, as passivas não agentivas são de mais difícil interpretação do que as passivas agentivas. Neste sentido, é a segunda hipótese apresentada aquela que é suportada pelos nossos dados. No entanto, ao contrário do que Fox & Grodzinsky (1998) reclamam, o problema não se desvanece com as passivas curtas não agentivas. A interpretação destas passivas devia ser significativamente mais fácil, dada a não realização do agente da passiva. A Tabela 4 mostra, como já vimos, que as crianças têm um melhor desempenho na interpretação de passivas não agentivas curtas. No entanto, o desempenho ao nível do adulto não é registado em qualquer das faixas etárias.

Tendo em conta os resultados obtidos, parece que a presença do complemento agente da passiva não é um fator determinante para a interpretação da construção em análise, mas sim o facto de esta ser agentiva ou não agentiva. Além disso, há que lembrar que, mesmo quando estão perante frases ativas com verbos não agentivos, as crianças revelam dificuldades. Neste sentido, mais estudos são necessários, de modo a explorar com maior minúcia o impacto da agentividade/ não agentividade na compreensão de frases nos estádios iniciais da aquisição.

Após uma análise global dos resultados, os nossos dados confirmam algumas dificuldades com passivas sintáticas numa fase inicial. Muitas razões têm sido avançadas para o aparente atraso na aquisição de passivas: raridade no *input*, opcionalidade do agente da passiva, agentividade do predicado. Alguns autores reclamam a universalidade desse atraso, enquanto outros a refutam tendo em conta a variabilidade interlinguística. O certo é que o trabalho interlinguístico é fundamental para a descoberta da natureza da linguagem infantil. Para além disso, com o desenvolvimento de novas técnicas e teorias, o nosso entendimento dos factos e a sua interpretação têm vindo a alterar-se. É nesse sentido que também nos parece fundamental continuar a desenvolver estudos que deslindem o modo como as crianças lidam com a passiva, não só ao nível da compreensão, como também da produção. É imprescindível aumentar o número de crianças testadas; recorrer a uma maior diversidade de metodologias, de verbos em estudo; e ainda alargar a análise a outro tipo de estruturas passivas.

Agradecimentos

Agradecemos às crianças do Jardim Infantil Pedrita, do Jardim de Infância do Centro Social e Paroquial de São Domingos de Benfica, do Jardim de Infância do Bairro Horta Nova (Agrupamento de Escolas de São Vicente - Telheiras), por terem colaborado neste projeto e por sempre terem demonstrado alegria e entusiasmo, apesar das perguntas repetitivas. Agradecemos igualmente aos seus pais que deram autorização para que as experiências se realizassem, bem como às respetivas coordenações das instituições e às educadoras, pela disponibilidade e interesse que sempre demonstraram. Aos três revisores anónimos de uma versão prévia deste texto dirigimos ainda uma palavra de agradecimento.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através das bolsas SFRH/BD/36675/2007 e SFRH/PROTEC/67746/2010.

Referências:

- Allen, Shanley E. M. & Martha B. Crago (1996) Early passive acquisition in Inuktitut. *Journal of Child Language* 23(01), pp. 129-155.
- Armon-Lotem et al. (no prelo) A large scale crosslinguistic investigation of the acquisition of passive. *Journal: Language Acquisition: A Journal of Developmental Linguistics*.
- Babyonyshev, Maria, Jennifer Ganger, David Pesetsky & Kenneth Wexler (2001) The maturation of grammatical principles: Evidence from Russian unaccusatives. *Linguistic Inquiry* 32(1), pp. 1-44.
- Bartke, Susanne (2004) Passives in German children with WS. In Susanne Bartke & Julia Siegmüller (Eds.) *Williams Syndrome Across Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Borer, Hagit & Kenneth Wexler (1987) The maturation of syntax. Em Roeper, T. e Williams, E. (Eds.) *Parameter-setting and language acquisition*. Dordrecht, The Netherlands: Reidel.
- Chang, Hsing Wu (1986) Young Children's Comprehension of the Chinese Passives. Em Kao, Henry S. R. & Rumjahn Hoosain (Eds.) *Linguistics, psychology, and the Chinese language*, Centre of Asian Studies, University of Hong Kong. pp. 115-123.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Correia, Deolinda (2003) Passivas e Pseudo-Passivas em Português Europeu - Produção Provocada e Compreensão. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa.

- Crain, Stephen, Rosalind Thornton & Keiko Murasugi (1987) Capturing the evasive passive. Comunicação apresentada na 12th Annual Boston University Conference on Language Development, Boston.
- Djurkovic, M. (2005) Structural vs. frequency effects in L1 acquisition of the passive and impersonal in Serbian. Comunicação apresentada na 27th Conference on Germanic Linguistics, Workshop on Frequency effects in language acquisition.
- Duarte, Inês & Fátima Oliveira (2010) Particípios Resultativos. In Ana Maria Brito *et al.* (Eds.) *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 397-408.
- Fox, Danny & Yosef Grodzinsky (1998) Children's Passive: A View from the By-Phrase. *Linguistic Inquiry* 29, 2, pp. 311-332.
- Gabriel, Rosângela (2001) *A Aquisição das Construções Passivas em Português e Inglês: Um Estudo Translinguístico*. Dissertação de Doutorado, PUCRS. Porto Alegre.
- Gordon, Peter & Jill Chafetz (1990) Verb-based versus class-based accounts of actionality effects in children's comprehension of passives. *Cognition* 36(3), pp. 227-254.
- Levin, Beth & Malka Rappaport (1986) The Formation of Adjetival Passives. *Linguistic Inquiry* 17:4, pp. 623-661.
- Maratsos, Michael, Judith A. Becker & Mary Anne Chalkley (1985) Semantic restrictions on children's passives. *Cognition* 19, pp. 167-191.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Peres, João & Telmo Mória (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pierce, Amy (1992) The acquisition of passives in Spanish and the question of A-chain maturation. *Language Acquisition* 2, pp. 55-81.
- Pinker, Steven, David S. Lebeaux & Loren Ann Frost (1987) Productivity and Constraints in the Acquisition of the Passive. *Cognition* 26, pp. 195-267.
- Rubin, Maraci (2009) The Passive in 3- and 4-year-olds. *Journal of Psycholinguist Research* 38, pp. 435-446.
- Sim-Sim, Inês (1997) *A Língua Materna na Educação Básica – Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.
- Sugisaki, Ken (1999) Japanese passives in acquisition. *Working Papers in Linguistics* 10, pp. 145-156.
- Terzi, Aronho & Kenneth Wexler (2002) A-chains and s-homophones in children's grammar: Evidence from Greek passives. *NELS* 32.